

"O NARCISISMO NOSSO DE CADA DIA"¹

Ênio Brito Pinto

Nestas reflexões que ora começo, serei breve e sucinto. O roteiro que seguirei é o seguinte: descreverei os pontos básicos da globalização tal como se dá hoje, destacando que ela é cria e criatura do homem narcisista; definirei, apenas esquematicamente, quem é esse homem narcisista e destacarei que ele é um homem fragmentado ante o sagrado; discutirei, muito rapidamente, alguns problemas que se colocam ante a prática clínica com esse homem narcisista e sua religiosidade. Finalizarei propondo Perseu como alternativa para Narciso e esperança para esses tempos de fria onipotência.

Para que possamos olhar o homem de hoje, precisamos de uma compreensão, ainda que bastante sumária, de seu lugar sócio-histórico. Nossa sociedade ocidental, chamada de sociedade pós-industrial ou pós-moderna, é certamente a sociedade mais complexa que o ser humano pôde conhecer até hoje. Por causa dessa imensa complexidade, torna-se temerário fazer qualquer recorte sobre ela. Entretanto, para que possamos conhecer melhor o ser humano de nossos dias, precisamos fazer reduções, cuidando, é claro, para não cairmos em reducionismos. Uma das reduções que nos são possíveis agora é aquela que trata da principal característica de nossa sociedade ocidental hoje: o fenômeno da globalização. É por ele que começo essa nossa reflexão.

Parto do pressuposto de que a globalização é um dado inexorável do mundo de hoje. Ela está aí, não pode ser negada e tampouco permite recuos. O avanço das técnicas modernas – principalmente na informática, na genética, na bioquímica, na eletrônica e na comunicação – é uma conquista da qual, como seres humanos, só podemos nos orgulhar. No entanto, é preciso e urgente que reflitamos sobre o como e o para quê essas técnicas podem ser – ou estão sendo – usadas: se para o progresso do ser humano ou se para sua escravização. Em outros termos: que mundo estamos construindo hoje?

Para Jacques Chonchol, a globalização se dá principalmente a partir de quatro planos: o financeiro, o da estratégia das empresas em busca de novos mercados, o do desenvolvimento de novas técnicas de produção e de novas produções e, por fim, mas não menos importante, num quarto plano que se manifesta “nos modos de vida e nos modelos de

¹ Palestra apresentada no *III Congresso Brasileiro De Espiritualidade E Prática Clínica*, em junho de 2005, em São Paulo, promoção do Centro de Psicoterapia Existencial. Publicado em *Sampagt Revista do Instituto de Gestalt de São Paulo*, São Paulo, v. 2, p. 57-62, 2005.

consumo, o que influi de modo decisivo sobre as culturas dos diversos povos.”
(Chonchol, 1996)

Para Milton Santos (2000, p. 15), “a globalização atual é perversa, fundada na tirania da informação e do dinheiro.” Argumenta o professor que a base do processo globalizante nos dias de hoje se fundamenta no uso da informação de maneira tendenciosa e deturpada em prol do mundo financeiro. Lembra ele que nunca como hoje o dinheiro na sua forma pura foi tão central na ideologia vigente, pois vivemos um mundo em que a ciranda financeira é básica no sustento do *modus vivendi*, tornando a globalização o ápice da internacionalização do capitalismo.

Assim, podemos dizer que a globalização se caracteriza fundamentalmente por uma fluidez financeira jamais vista; uma manipulação da informação em prol do mundo financeiro; um neocolonialismo baseado na conquista de mercados; a conquista de novas técnicas de produção e de novas produções; uma nova moral, narcísica, que gera um novo paradigma: o consumidor no lugar do cidadão.

Qual é a base psicológica para o processo globalizante? Qual o tipo de pessoa que sustentaria este modo de convivência social em nossos dias? Se na época de Freud a personalidade cultural era histérica, agora ela é narcísica. O indivíduo narcisista é o criador e a criatura dessa nossa atual sociedade ocidental complexa e globalizada.

A sociedade ocidental pode ser entendida como uma sociedade narcísica principalmente a partir de duas de suas características fundamentais: um extremo hedonismo e uma visível ampliação do valor dado ao aspecto material da vida como medida de progresso, em detrimento da sabedoria, do crescimento pessoal e da busca do contato enriquecedor com o Outro; em detrimento também da solidariedade.

A expressão ‘narcisismo’ foi notabilizada por Freud, que a tomou de Paul Näcke, autor que, segundo Freud, “dá este nome a uma perversão na qual o indivíduo demonstra para com seu próprio corpo a ternura que normalmente reservamos para um objeto exterior.”
(Freud, 1973, p. 2381)

Desenvolvido por Freud e por diversos outros autores, o termo nos serve hoje para designar um tipo de personalidade cuja característica principal é uma exagerado apreço pela própria imagem, a exemplo de Narciso, personagem do mito grego imortalizado no poema “A Metamorfose – A História de Eco e Narciso”, de Ovídio. No mito, Narciso, depois de rejeitar tantos quantos tentassem aproximar-se sensualmente dele, acaba por apaixonar-se pela sua própria imagem refletida em um lago cristalino.

Mas não é somente esse exagerado auto-apreço a característica do narcisista: há outras, que, combinadas, nos possibilitam descrever uma pessoa narcisista. Vou listar algumas delas, as que me parecem as mais importantes para os fins desta nossa reflexão de agora.

A primeira coisa que nos chama a atenção quando estamos diante de uma pessoa narcisista é a sua imensa dificuldade em sentir. O contato do narcisista com os sentimentos é extremamente deficiente. Além disso, podemos entender o narcisista como uma pessoa dotada das seguintes características: procura manter as pessoas a segura distância afetiva; tende a entender toda crítica como ameaça pessoal; é pouco capaz de empatia, podendo mesmo ser cruel e egocêntrico; geralmente orgulha-se de não ter necessidades com relação ao outro, ao mesmo tempo em que se orgulha de fazer muito pelos outros, independentemente da opinião ou das necessidades dos outros; mostra uma perturbação no contato com os aspectos femininos da existência, ao mesmo tempo em que se ocupa muito mais do fazer que do ser; tem grandes dificuldades para lidar com os símbolos, funcionando melhor num nível pré-simbólico; apresenta grande potencial, porém subdesenvolvido (enquanto este potencial não se desenvolve, a profundidade é substituída pela ostentação). (cf Schwartz-Salant, 1995, p. 49/53) É importante lembrarmos de que o narcisista tem enormes dificuldades com a convivência com as diferenças, com a aceitação das diferenças como fenômenos enriquecedores e não como fenômenos competitivos (como dizia o mestre Caetano, “é que narciso acha feio o que não é espelho”).

Na medida em que se distancia de seus sentimentos, como defesa contra o vazio, contra o medo e a tristeza, o narcisista torna-se uma pessoa para quem o próprio corpo passa a ser um objeto. Ele lida com o corpo, e, por extensão, com o mundo, como se ele fosse um objeto a serviço do ego, algo a ser usado, e não vivido. (Lowen, 1989; Schwartz-Salant, 1995) Este é um dos problemas maiores da personalidade narcisista: ele está muito mais atento a uma imagem idealizada que ao que ele é de fato.

Para Christopher Lasch (1983, p. 14/15), o indivíduo narcisista,

liberado das superstições do passado, duvida até mesmo da realidade de sua própria existência... Ganancioso, ... ele exige gratificação imediata e vive num estado de desejo, desassossegada e perpetuamente insatisfeito.

Lasch acrescenta que

O narcisista não se interessa pelo futuro porque, em parte, tem muito pouco interesse pelo passado. ... Em uma sociedade narcisista – uma sociedade que dá crescente proeminência e encorajamento a traços narcisistas – a desvalorização cultural do

passado reflete não só a pobreza das ideologias dominantes, (...) mas a pobreza da vida interior do narcisista. (1983, p. 15)

Se entendermos que a cultura é a “a totalidade dos produtos da atividade do ser humano, sejam materiais ou espirituais” (Sung, 1995, p. 26) e se levarmos em conta que a incapacidade para a empatia, a inclusão e a solidariedade, além de uma ênfase nos aspectos hedonistas da vida, são algumas das mais importantes marcas de nossa cultura, poderemos verificar com facilidade que vivemos numa cultura narcisista. Narcisista porque centrada na imagem, porque centrada em um desprezo pelo passado, centrada na competitividade, com um enorme descaso para com a natureza, em constante busca da maximização do lucro, uma cultura que acaba por se tornar insensível às necessidades humanas. Uma cultura na qual há uma exagerada importância do desejo de vencer; uma cultura na qual valores como dignidade, amor e sensibilidade são trocados por sucesso, riqueza, consumo e violência. Uma cultura fortemente baseada no indivíduo, um indivíduo isolado e solitário que acredita na possibilidade da vida sem limites, na liberdade infinita.

Para Buber (1974), a civilização moderna, ao não valorizar os aspectos relacionais da vida, ampliou o espaço para o narcisismo e para o isolamento do ser humano. Penso que isso, ao mesmo tempo, reduziu o espaço do religioso. Diante disso, cabe uma pergunta: como é a vivência da religião e da religiosidade dessa pessoa narcisista?

Se nas sociedades antigas a religião era o princípio organizador da sociedade, hoje ela cede espaços para outros elementos organizadores, principalmente a economia, a política e a medicina. Com isso, como afirma Hinkerlammert, o céu mudou de lugar. A utopia do céu, a possibilidade de uma vida melhor depois desta vida, transforma-se em uma utopia para esta vida, uma utopia na qual o ideal é o progresso científico e material, o hedonismo inconseqüente, o imediatismo individual que ignora o passado e o futuro coletivos, como se cada existência individual se justificasse por si mesma. Num plano mais estritamente religioso, a transcendência não é mais a vida no outro mundo, mas pode se realizar neste aqui mesmo, como progresso e prazer infundáveis.

Dessa maneira, o narcisista vive uma religiosidade que se orienta muito mais pela satisfação dos desejos pessoais que pela busca do sagrado, uma religiosidade que se orienta muito mais pelo imediato que pela transcendência. Como nos lembra Giovanetti (2005, p. 105), se nos tempos antigos o significado de nossas vidas era dado pela religião, se mais tarde ele era dado pelo trabalho, hoje assistimos a uma “tentativa de hegemonia do princípio axial da cultura, ou seja o hedonismo”. O narcisista vive para ter prazer. Só para ter prazer.

O narcisista acredita ter direito a tudo, tudo de bom. Além disso, pensa que tem que confiar somente em si mesmo, desconfiando das demais pessoas. Sonha em ser independente, pois não se sente seguro em apenas amar, ou em ser leal a alguém. O narcisista, em outros termos, acredita na possibilidade da auto-suficiência, ainda que isso, no mais íntimo de si, provoque uma vaga sensação de vazio. Um vazio compensado com a busca do poder sobre, do status, do autoritarismo, da arrogância. A arrogância do narcisista é tão grande, que ele acaba por crer que o sagrado existe somente para cuidar dele. O narcisista acredita que o sagrado é um grande pai que tudo lhe dará, de modo que acaba por entender a fé apenas como uma súplica mágica, pré-simbólica. A fé do narcisista não conhece gratidão nem sequer imagina que possa haver exigências divinas. Não é à toa que muito facilmente o narcisista se torna ateu ou transita frenético por variadas denominações religiosas, decepcionado com a infidelidade de Deus.

Essa religiosidade, profundamente extrínseca, para usar o termo de Allport, baseada no hedonismo e na imediaticidade se fundamenta também em uma atitude que é básica nas pessoas narcisistas e, por via disso, na cultura narcísica - a exaltação vaidosa, que se apresenta amiúde na forma de invejas, rancores, dogmatismos, busca e/ou sensação de suficiência, com a conseqüente sensação de vazio típica de quem amortece seus sentimentos e sua religiosidade.

É esse vazio, quando consegue se tornar um vazio fértil, que leva a pessoa narcisista à psicoterapia. Mas não imediatamente. Não; o narcisista só vai à terapia depois de muito sofrimento, depois de estar muito ferido. E, mesmo assim, vai acompanhado de seu orgulho exacerbado, único apoio em que ainda pode confiar. Ele precisa encontrar um terapeuta sobretudo paciente. Acolhedor, continente, crítico, mas, sobretudo, paciente. Um terapeuta que saiba que está diante de um monarca escravo, enredado por um imenso potencial tomado como realidade. Para ajudar o cliente a reconhecer e assumir esse potencial e lutar para transformá-lo o mais possível em realidade, a psicoterapia do narcisista precisará de suaves frustrações, cuidadosa e pacientemente oferecidas ao longo do tempo. Do tempo do cliente.

No que diz respeito à questão da espiritualidade, um dos resultados esperados dessa psicoterapia é a abertura da possibilidade de que a pessoa narcisista modifique sua religiosidade a fim de que possa evoluir para além do narcisismo. Falo de uma modificação da religiosidade no sentido de uma atitude existencial não racional, pertencente à esfera da fé. Religiosidade como uma qualidade referente a algo transcendente. Trata-se de crer que há algo ou alguém – o Sagrado – além do limite do humano. É uma dimensão afetiva e, portanto,

propícia ao uso de uma linguagem simbólica. Em outros termos, a busca é de que, se a psicoterapia for bem sucedida, o cliente possa se transmutar de Narciso em Perseu.

A mitologia grega é uma das mais ricas mitologias do mundo ocidental, tanto que permanece até os dias de hoje objeto de estudos e fonte de algumas das mais importantes metáforas na busca da compreensão da condição humana. É na mitologia grega, mesmo manancial de onde escolhemos o mito de Narciso e Eco como metáfora para a atual condição do mundo ocidental, que vamos encontrar um mito que nos ajudará a melhor compreender o homem que tem a coragem de se deparar com a condição humana de insuficiência e, assim, transcender Narciso. Trata-se do mito de Perseu, o qual usarei como base para uma proposta ética fundamentada na possibilidade de que o ser humano se encontre mais plenamente consigo mesmo, com o outro, com os limites e o trágico da existência humana e com a alegria e a profundidade da graça de viver.

Apenas para que nos recordemos de quem foi Perseu, quero contar muito sucintamente algumas passagens do mito. Acrísio, rei de Argos, recebeu a previsão de que seria assassinado por seu neto. Temeroso, tranca Danae, sua filha, em uma torre, para que não conhecesse homem nenhum, e, assim, não tivesse descendentes. Zeus entra na torre em forma de uma chuva de ouro e fecunda Danae, que mais tarde dá à luz Perseu. Acrísio, então, prende mãe e filho em um baú e os atira ao mar, para que morram afogados. Os dois são resgatados e vivem no reino de Polidectes, o qual, querendo desfazer-se de Perseu para desposar Danae, ordena ao herói que vá buscar a cabeça da Medusa, a mais temível das três Górgones. Quem olhasse para os olhos da Medusa seria imediatamente petrificado, e essa era a esperança de Polidectes: que Perseu percesse petrificado pelos olhos da Górgone. No entanto, passando por importantes peripécias, Perseu, com a ajuda dos deuses, cumpre sua missão e mata a Medusa, cortando sua cabeça. Mais tarde ele se casa com Andrômeda, mata acidentalmente seu avô e, antes de sua morte, entrega a cabeça da Medusa a Atená, a qual coloca a cabeça da Górgone em seu escudo.

Fazendo a exegese do mito de Perseu, Paul Diel (1991, p. 91 e ss) afirma que o mito de Perseu é um mito de combate contra a exaltação vaidosa e expressa o ideal da justa medida, da harmonia das necessidades, é a história do herói-vencedor.

Segundo Diel, o tema central do mito de Perseu é seu enfrentamento com a Medusa, a qual, para o autor, simboliza a estagnação vaidosa, a adoecimento da espiritualidade. Para o nosso tema há outra característica do mito de Perseu que é bastante interessante: Perseu não é

capaz de, sozinho, derrotar Medusa e suas irmãs* - ele necessita ser humilde e, assim, aceitar a ajuda dos deuses; no caso, Atená, Apolo, Hades e Hermes. Em outras palavras, Perseu, em oposição a Narciso, não é centrado somente em si, mas, ao contrário, tem claro conhecimento dos limites que lhe impõe sua condição humana e se orienta por isso.

Perseu tem conhecimento dos limites da condição humana porque consegue combater a vaidade e alcançar a justa medida, a harmonia. Ele vence o ofuscamento vaidoso através do auto-conhecimento. Para tanto, ele tem a ajuda de Apolo, a suprema divindade da saúde, cujo templo traz no pórtico a famosa máxima do “conhece-te a ti mesmo”.

Porque Perseu não tem vaidade excessiva, não o atemoriza o perigo essencial da alma humana – petrificar-se. O herói, no entanto, só poderá triunfar se o espírito ajudar; “simbolicamente, que a divindade lhe forneça a arma do combate.” (Diel, 1991, p. 97) É de Palas Atená que Perseu recebe o escudo simbólico, espelho da verdade, através do qual ele consegue ver a Medusa sem correr o risco de olhar diretamente em seus olhos, e assim decapitar o monstro de cabelos de cobra.

Mas o sentido do mito de Perseu não se esgota com a conquista da cabeça da Górgone: Perseu deve cumprir uma outra condição, uma condição essencial: a vitória não pode ser uma ascensão passageira, mas exige um nível constante de elevação. Em outros termos, não basta vencer a vaidade, é preciso não se envaidecer dessa vitória, pois muito facilmente, a vaidade revive: mesmo depois de morta, a cabeça da Medusa guarda seu poder mágico, seu poder petrificante.

É por isso que Diel afirma que “a grande vitória de Perseu não é, portanto, ter morto e decapitado a Medusa, mas ter carregado consigo sua cabeça e poder olhar a verdade em relação a si mesmo, (...) sem transformá-la em vaidade estagnante, em petrificação.” (Diel, 1991, p. 101)

O mito de Perseu encerra ainda mais uma lição para o nosso narcisismo: Perseu morre, e a tragédia do mundo sobrevive. Mas atenção: ao morrer, Perseu deixa-nos um importante legado: ele dá a cabeça da Medusa para Atená, que a coloca como efígie em seu escudo. Isso simboliza que a luta contra a vaidade não se esgota na vida de cada um de nós, mas é luta constante do espírito humano, é luta constante na existência humana. Mas agora já não

* É interessante notarmos que Paul Diel se aproxima muito de Pascal ao levantar o simbolismo da Medusa. Ela é uma das três Górgonas, três irmãs – Medusa, Euriale e Esteno – monstruosas que, segundo Diel, simbolizam “o inimigo interior a ser combatido. As deformações monstruosas da psique devem-se às forças pervertidas das três pulsões: sociabilidade, sexualidade e espiritualidade.” (Diel, 1991, p. 93)

estamos sós: podemos recorrer, além de a outros deuses, a Atená, a deusa da verdade e da justiça, que continuará a mostrar aos homens a possibilidade de vitória sobre a Medusa, a vitória sobre a vaidade estagnante.

No mito de Perseu, a presença da coragem ao lado da humildade é tão clara, que me é fácil entender que está por aí indicado um bom caminho para podermos superar o narcisismo nosso de cada dia.

EBP/ jun/2005

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, J. de Souza (1991). *Mitologia Grega*, volume II. Petrópolis, RJ: Vozes
- BUBER, Martin (1974). *Eu e Tu*. São Paulo: Moraes
- CHONCHOL, Jacques (1996). Globalização e neocolonialismo, em *Reflexión y Liberación*, N° 30, pp. 31-40
- DIEL, Paul (1991). *O Simbolismo na Mitologia Grega*. São Paulo: Attar
- FREUD, Sigmund (1973). *Obras Completas*. Madri: Biblioteca Nueva
- GIOVANETTI, José Paulo (2005). A Consciência Religiosa do Homem Ocidental, em *Anais do XI Encontro Goiano da Abordagem gestáltica*. Goiânia: ITGT, p. 99 - 108
- LASCH, Christopher (1983). *A Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago
- LOWEN, Alexander (1986). *Narcisismo*. São Paulo, Círculo do Livro
- SANTOS, Milton (2000). *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record
- SCHWARTZ-SALANT, N. (1995). *Narcisismo e Transformação do Caráter*. São Paulo: Cultrix
- SUNG, Jung Mo e SILVA, Josué Cândido (1995) *Conversando sobre Ética e Sociedade*, Petrópolis, RJ: Vozes